



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



FRANCÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA: APRENDENDO UM SEGUNDO SISTEMA DE ESCRITA

Stelamary Domingos
DRE nº 111032362

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português-Francês.

Orientador: Prof. Doutor Maria Carlota Amaral Paixão Rosa

Faculdade de Letras
Rio de Janeiro, 1º semestre de 2016

CIP - Catalogação na Publicação

D671 Domingos, Stelamary
FRANCÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA: APRENDENDO UM
SEGUNDO SISTEMA DE ESCRITA / Stelamary
Domingos. -- Rio de Janeiro, 2016.
40 f.

Orientadora: Maria Carlota Amaral Paixão Rosa.
Trabalho de conclusão de curso (graduação)-
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Francês, 2016.

1. Língua Estrangeira. 2. Francês. 3. Leitura.
4. Sistemas de Escrita. 5. Ortografia. I. Amaral
Paixão Rosa, Maria Carlota, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FRANCÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA: APRENDENDO UM SEGUNDO SISTEMA DE ESCRITA

Stelamary Domingos
DRE 111032362

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português-Francês.

Examinada por:

Maria Carlota Amaral Paixão Rosa - Orientador
Professor Titular – Universidade Federal do Rio de Janeiro

NOTA: _____

Letícia Rebollo Couto - Leitor Crítico
Professor Associado – Universidade Federal do Rio de Janeiro

NOTA: _____

MÉDIA: _____

Rio de Janeiro, de de 2016

A meus pais,
a meu irmão

SUMÁRIO

[*Lista de figuras*](#)

[*Abreviaturas empregadas*](#)

[*Resumo*](#)

[*Résumé*](#)

1. [**INTRODUÇÃO**](#)

1.1. [Apresentação](#)

1.2. [Justificativa](#)

1.3. [Organização do trabalho](#)

2. [**LÍNGUA ESTRANGEIRA \(LE\) E SEGUNDA LÍNGUA \(L2\)**](#)

3. [**SISTEMA DE ESCRITA, ESCRITA E ORTOGRAFIA**](#)

3.1. [Sistemas de escrita](#)

3.1.1. [Restringindo o termo](#)

3.1.2. [Definição](#)

3.1.3. [O grafema e a classificação dos sistemas de escrita](#)

3.2. [Escrita](#)

3.3. [Ortografia](#)

3.4. [Regras de correspondência](#)

4. [**TRANSPARÊNCIA E OPACIDADE**](#)

5. [**SEL1: PORTUGUÊS**](#)

6. [**SEL2: FRANCÊS**](#)

6.1. [As vogais](#)

6.2. [O e caduc, e instable, ou e muet - /ɔ/](#)

6.3. [As vogais nasais](#)

6.4. [Os acentos agudo, grave e circunflexo no sistema de escrita francês](#)

6.4.1 [O acento agudo](#)

6.4.2 [O acento grave](#)

6.4.3 [O acento circunflexo](#)

6.5 [As semiconsoantes](#)

6.6 [As consoantes](#)

6.7 [Consoantes Duplas](#)

6.8. [Liaison](#)

6.9. [Grafemas sem correspondência fonológica](#)

7. [**DIFERENÇAS ENTRE O SISTEMA DE ESCRITA FRANCÊS E O PORTUGUÊS**](#)

8. [**CONCLUSÃO**](#)

9. [**REFERÊNCIAS**](#)

Lista de figuras

Fig. 1	Caçada numa pintura rupestre (Chapada dos Guimarães, MT, Brasil).
Fig. 2	‘Deusa’/ netjeret : o determinativo segue os elementos com valor fonêmico
Fig. 3	Os determinativos como auxílio na leitura de homônimos
Fig. 4	Correspondências entre o braille e o alfabeto latino
Fig. 5	Semelhanças e diferenças entre escritas.
Fig. 6	Correspondências entre fonemas e grafemas na ortografia italiana
Fig. 7	Fonemas correspondentes ao grafema <o> no sistema de escrita inglês.
Fig. 8	Pares de palavras que se distinguem por vogais médias anteriores
Fig. 9	Pares de palavras que se distinguem por vogais médias posteriores

Abreviaturas empregadas

FLE	Francês língua estrangeira
L1	Primeira língua
L2	Segunda língua
LE	Língua estrangeira
L1WS	Sigla em inglês para sistema de escrita da primeira língua
L2WS	Sigla em inglês para sistema de escrita de segunda língua
SE	Sistema de escrita
SEL1	Sistema de escrita de primeira língua
SEL2	Sistema de escrita de segunda língua

Resumo

Este trabalho focaliza a aprendizagem da ortografia do francês por estudantes brasileiros iniciantes. Trata-se, portanto, do estudo de francês enquanto língua estrangeira (FLE). Procura-se aqui responder à seguinte pergunta: semelhanças e diferenças entre o sistema de escrita conhecido e o que está em processo de aprendizado permitem prever as dificuldades iniciais desses estudantes?

Para responder a essa questão, o trabalho compreende duas partes. Primeiramente, abordam-se os conceitos relativos à natureza dos sistemas de escrita. Em seguida, focalizam-se as correspondências entre grafemas e fonemas no sistema de escrita do português, primeiro sistema de escrita do aluno, e do francês, neste caso, o segundo sistema de escrita.

Analizadas essas correspondências, apontam-se focos de dificuldade para o estudante em questão. Em relação ao português, o francês tem maior número de possibilidades de mapeamento múltiplo entre grafemas e fonemas; maior número de fonemas representados nas mesmas seis vogais do alfabeto latino; maior número de consoantes duplas, possibilidade de ocorrência de grafemas sem representação fonológica, além de regras de acentuação diferentes do português. Com relação às semelhanças entre o português e o francês, ambos os sistemas de escrita são fonográficos e ambas as escritas são em caracteres latinos. Assim, o maior desafio para o estudante está no fato de a ortografia do francês ser menos transparente fonologicamente do que a do português.

Palavras chaves: 1. Língua estrangeira. 2. Francês. 3. Leitura. 4. Sistemas de Escrita. 5. Ortografia.

Résumé

Ce travail focalise sur l'apprentissage de l'orthographe française par des étudiants brésiliens débutants. Il s'agit donc d'une étude de français langue étrangère (FLE). On essaie de répondre à la question suivante: les similitudes et les différences entre le système d'écriture connu et celui en apprentissage permettent de prévoir les difficultés initiales de ces étudiants?

Pour répondre à cette question, le travail comprend deux parties. Premièrement, on aborde les concepts relatifs à la nature des systèmes d'écriture. Deuxièmement, on examine les correspondances entre les graphèmes et les phonèmes du système d'écriture du portugais, le premier système d'écriture de l'étudiant, et celui du français, le second système d'écriture dans ce cas.

Une fois qu'on aura analysé ces correspondances, on montrera des points de difficultés pour l'étudiant. Comparativement au portugais, le français a un nombre plus grand de possibilités de correspondance entre les graphèmes et les phonèmes; un nombre plus grand de phonèmes représentés par les mêmes six voyelles de l'alphabet latin; un nombre plus grand de doubles consonnes; la possibilité d'avoir des graphèmes sans représentation phonologique; voire les règles d'accentuation différentes de celles du portugais. En ce qui concerne les similitudes entre le portugais et le français, les deux systèmes d'écritures sont phonographiques et en caractères latins. Ainsi, le plus grand défi pour l'étudiant se doit-il au fait que l'orthographe française est, du point de vue phonologique, moins transparente que celle du portugais.

Les mots clés: 1. Langue étrangère. 2. Français. 3. Lecture. 4. Systèmes d'écriture. 5. Orthographe

1. INTRODUÇÃO¹

1.1. Apresentação

A aprendizagem formal de uma língua estrangeira exige do aprendiz lidar não apenas com uma gramática diferente, mas também com um sistema de escrita diferente daquele da língua nativa. É o novo sistema de escrita envolvido nesse aprendizado — com base na mesma *escrita* daquele já conhecido — o objeto deste trabalho.

Todo sistema de escrita tem suas particularidades. Semelhanças e diferenças entre o já conhecido e o que se está aprendendo permitem prever as dificuldades para o iniciante? Quanto mais semelhanças houver entre o primeiro sistema de escrita aprendido e o segundo mais fácil e rápida será a aprendizagem?

Para responder a essas questões, toma-se como base aqui o francês enquanto língua estrangeira (FLE) no Brasil. O foco é o aprendizado do sistema de escrita de francês por parte de alunos iniciantes que têm no português seu primeiro sistema de escrita. Toma-se por base a literatura sobre sistemas de escrita e processos de leitura e escrita, a fim de buscar detectar dificuldades previsíveis no início desse processo. Colocam-se em paralelo, portanto, dois sistemas alfabéticos com escrita em caracteres latinos mas ortografias diferentes.

Emprega-se aqui, como apontado em (1) a seguir, a convenção tradicional em trabalhos que lidam com sistemas de escrita:

(1) Convenções empregadas

- < > indica a forma escrita, quando em alfabeto latino;
- // indica o fonema, unidade sonora abstrata;
- [] indica o fone ou som da fala;
- Ξ indica a correspondência grafema-fonema ou vice-versa.

1.2. Justificativa

Justifica-se o tema escolhido em diferentes níveis. Teoricamente, a pesquisa que resultou no presente trabalho serviu de introdução a uma área que só recentemente (*i.e.*, nas

¹ Agradeço à Professora Maria Carlota Rosa por sua orientação. Suas sugestões, apoio e dedicação foram fundamentais para a realização do trabalho. Agradeço também ao Leitor Crítico o aceite em participar desta avaliação.

últimas duas décadas) começou a ganhar atenção (Cook & Bassetti, 2005: 1), a saber, a literacia em um sistema de escrita diferente daquele da língua nativa, aprendido em primeiro lugar. Essa nova área é em geral referida como *Sistemas de Escrita de Segunda Língua* — na sigla em inglês por vezes empregada para referência, *L2WS*, aqui traduzida para *SEL2*.

Literacia refere as habilidades de leitura e escrita com autonomia (Morais, 2013a)².

Do ponto de vista prático, é inegável a importância do tema como parte da formação de um futuro professor de Francês, uma das três línguas estrangeiras mais pesquisadas, cujo número de estudantes se estima em torno de 82 milhões (WIKIPÉDIA CONTRIBUTORS, “Foreign language”).

1.3. Organização do trabalho

O trabalho está organizado do seguinte modo. Inicialmente apresenta-se a fundamentação sobre a natureza dos sistemas de escrita. A referência teórica é o trabalho de Cook & Bassetti (2005). Em seguida focalizam-se as correspondências grafofonológicas nas duas ortografias. Serviram de base nesta parte Lemle (1987) para o português e, para o francês, *Le Petit Robert* (2011), os guias ortográficos *Larousse* (2009), *Bescherelle* (2012) e *Orthographe française* (2011), além de Price (2005), sobre a fonologia do francês.

² À primeira vista, o emprego de *literacia* parece constituir-se num empréstimo a mais. Qual a justificativa para não se empregar aqui *alfabetização* ou *letramento*, termos já bem difundidos? A razão é teórica. Como notou Rosa (2015: 16, n. 22), “*Literacia é empréstimo relativamente recente no português brasileiro (mas não no de Portugal), oriundo do inglês literacy. A opção pelo uso de literacia: (a) evita as questões ideológicas envolvidas em letramento, outro empréstimo com a mesma origem, criado por Mary Kato em 1986 (Soares, 1998: 32; também p. 18); e (b) é de emprego mais amplo que alfabetização, que pressupõe um sistema de escrita alfabético*”.

2. LÍNGUA ESTRANGEIRA (LE) E SEGUNDA LÍNGUA (L2)

A distinção entre *segunda língua* (L2) e *língua estrangeira* (LE) decorre do contexto de aprendizado. *Segunda língua* (ou L2) refere “o processo de aprendizagem de uma outra língua depois que a primeira foi aprendida” (Gass & Selinker, 2008: 7), mas implica também “a aprendizagem de uma língua não nativa no ambiente em que esta língua é falada” (Gass & Selinker, 2008: 7). Já *língua estrangeira* “se refere à aprendizagem de uma língua não nativa no ambiente da língua nativa do falante” (Gass & Selinker, 2008: 7). Como ressaltam Gass & Selinker (2008: 7), o ponto importante “é que a aprendizagem no ambiente da segunda língua acontece com um acesso considerável aos falantes da língua que está sendo aprendida, ao passo que não num contexto de língua estrangeira”. Um emigrante brasileiro lusófono estabelecido na Itália, por exemplo, deverá aprender italiano para se comunicar com a população do país para onde emigrou: para ele, o italiano será L2, ainda que este falante tenha aprendido outras línguas antes de aprender italiano, porque “segunda língua pode referir a qualquer língua aprendida depois da primeira língua, independente de se tratar da segunda, terceira, quarta ou quinta língua” (Gass & Selinker, 2008: 7).

O contexto de aprendizado de uma língua estrangeira é diferente da situação acima, porque o estudante está exposto à LE na sala de aula, tendo basicamente três tipos de *input* (Gass & Selinker, 2008: 369): o professor, os materiais e os demais estudantes. No aprendizado propriamente linguístico, S. Gaies (*apud* Gass & Selinker, 2008:369) demonstrou, para o ensino de inglês como língua estrangeira, que a complexidade sintática da fala do professor que se dirige a alunos iniciantes é limitada; o mesmo acontece na interação entre os alunos, a que se somam ainda os erros (Gass & Selinker, 2008:369) embora, referindo estudo de Gass & Varonis (1989)³ e de Bruton & Samuda (1980)⁴, não haja evidências de que alunos troquem a forma correta que usavam por uma incorreta de um colega.

Avanços tecnológicos recentes permitem agora outros contactos com a língua estrangeira para além da sala de aula, como elencados em Richards (2015), embora com foco no inglês.

³ Gaies, S. 1979. Linguistic input in first and second language learning In: Eckman, F. & Hastings, A. (eds.), *Studies in First and Second Language Acquisition*. Rowley: Newbury House.

⁴ Bruton, Anthony & Samuda, Virginia. 1980. Learner and teacher roles in the treatment of oral error in group work. *RELC Journal*, 11(2): 49-63.

É como língua estrangeira que se focaliza o francês neste trabalho: aprendido por brasileiros no Brasil em sala de aula, com pouco acesso a falantes nativos de francês. E como fica, nessa situação, aprender o sistema de escrita francês?

As seções que se seguem definem a nomenclatura empregada ao longo deste trabalho.

3. SISTEMA DE ESCRITA, ESCRITA E ORTOGRAFIA

3.1. Sistemas de escrita

3.1.1. *Restringindo o termo*

A escrita representa unidades linguísticas. A representação por desenhos não é um sistema de escrita se não há ligação das imagens com elementos da estrutura de uma língua. Símbolos pictográficos deixados por civilizações antigas, por exemplo, não são aqui considerados sistemas de escrita.

A "*figuração dos seres e objetos familiares, ordenados dentro de um certo sentido*" (Mandel, 2006: 31), ou pictografia, transmite mensagens simples, sujeitas a diferentes interpretações. A *Fig. 1* ilustra esse tipo de comunicação: não há como recuperar a língua falada por aquele que registrou a cena na pedra.



**Fig. 1- Caçada numa pintura rupestre (Chapada dos Guimarães, MT, Brasil)
Extraído de Montellato (2000: 119)**

Tais desenhos não representam uma língua e não são capazes de expressar qualquer informação sobre a língua daquela comunidade. Cada pessoa que vê um símbolo pictográfico pode oralizar a mensagem de maneiras diferentes, uma vez que as gravuras não têm relação com uma língua e, portanto, a pictografia não pode ser considerada entre os sistemas de escrita.

Não está no caso da pictografia, por exemplo, a escrita hieroglífica egípcia. Especialmente na sua forma mais desenvolvida (ca. 500-100 a.C.), os hieróglifos formavam um sistema de escrita complexo com a beleza das imagens de pessoas, animais, objetos a serviço da representação da estrutura linguística do egípcio, compreensível apenas por quem

tivesse (ou tem) o conhecimento daquela língua. Coulmas (1999) assim resume seu funcionamento, ilustrado na Fig. 2 adiante:

No sistema completamente desenvolvido, os sinais individuais assumem três funções diferentes, indistintas graficamente: como *logogramas*, como *fonogramas* e como *determinativos*. [...]. Os logogramas ou sinais para palavras são usados principalmente para nomes concretos ou verbos que signifiquem ações perceptíveis ou movimentos, tais como *bater*, *voar*, *andar*, *comer*. Os fonogramas são de vários tipos. Nos termos do PRINCÍPIO REBUS⁵, um logograma pode star no lugar de um homófono. A homofonia é entendida como a identidade da sequência de consoantes [...]. Os sinais egípcios representam apenas consoantes, devendo as vogais ser supridas pelo leitor. Os fonogramas não estão limitados às palavras rebus, mas são também empregados na representação de partes das palavras. Há fonogramas que correspondem a três e a duas consoantes, havendo também aqueles que representam uma única consoante. Esse conjunto de 27 letras⁶ é por vezes referido como o alfabeto hieroglífico [...]. Sinais monoconsonantais são também usados como complementos fonéticos para reforçar a pronúncia de uma consoante já representada em outro sinal. Frequentemente se aumentavam os símbolos bi- ou triconsonantais, repetindo sua consoante final como um auxiliar na leitura. Essa prática resulta em grafias tais como C₁C₂C₃ + C₃: por exemplo, a palavra *netjeret* ‘deusa’ é soletrada *nrt + t + r + t + determinativo* [...]

(Coulmas, 1999: 139)

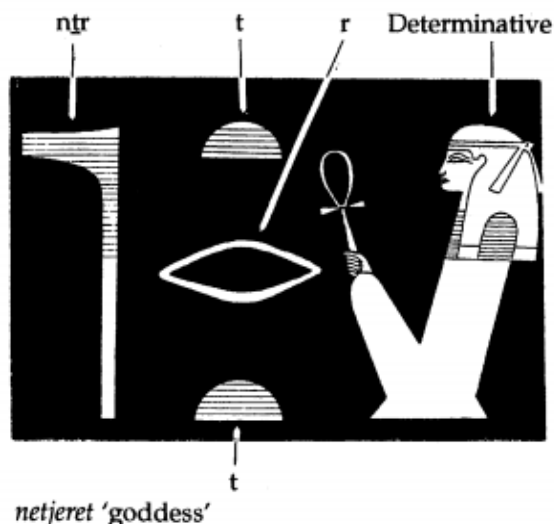


Fig. 2 – ‘Deusa’/ *netjeret* : o determinativo segue os elementos com valor fonêmico
Extraído de (Coulmas, 1999: 140).

⁵ Por PRINCÍPIO REBUS entende-se a representação de uma palavra pelo logograma de uma outra palavra, que lhe é homófono (*vide* Coulmas, 1999: 433).

⁶ Segundo Mandel (2006), são 23 os caracteres, não 27.

Coulmas (1999: 141) ilustra com a palavra *rem*, passível de tradução como ‘peixe’ ou como ‘chorar’, o papel dos determinativos na eliminação da ambiguidade, reproduzidas ambas as possibilidades de leitura na Fig. 3.

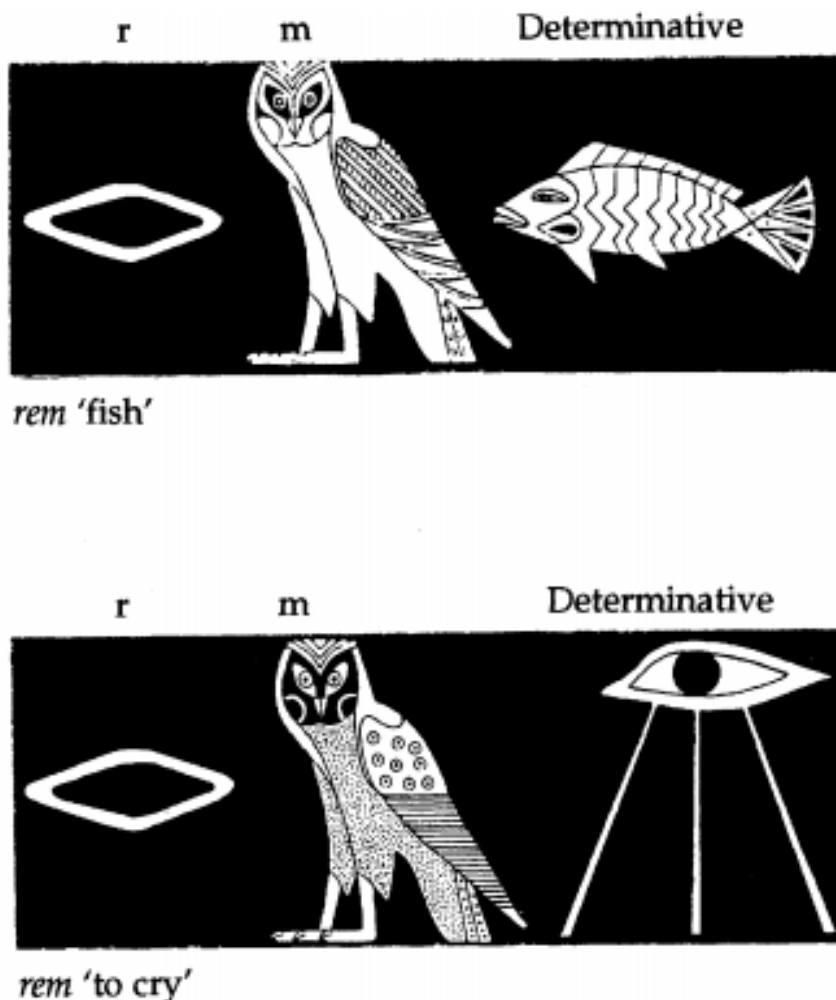


Fig. 3 – Os determinativos como auxílio na leitura de homônimos
Extraído de Coulmas (1999: 141)

3.1.2 Definição

Um *sistema de escrita* é um

conjunto de sinais — visuais ou táteis — usados para representar unidades de uma língua de modo sistemático, com o propósito de registrar mensagens, que podem ser recuperadas por qualquer um que conheça a língua em questão e as regras que codificam suas unidades num sistema de escrita (Coulmas, 1999: 560).

O alfabeto latino, empregado, por exemplo, para se escrever em português, francês, inglês, italiano, é composto por sinais visuais. Exemplos de sinais táteis são aqueles

empregados no braille, alfabeto criado para cegos pelo professor Louis Braille (1809-1852), formado pela combinação de seis pontos em relevo, dispostos em duas colunas de três pontos, o que permite formar 63 caracteres braille, como ilustrado na Fig. 4.

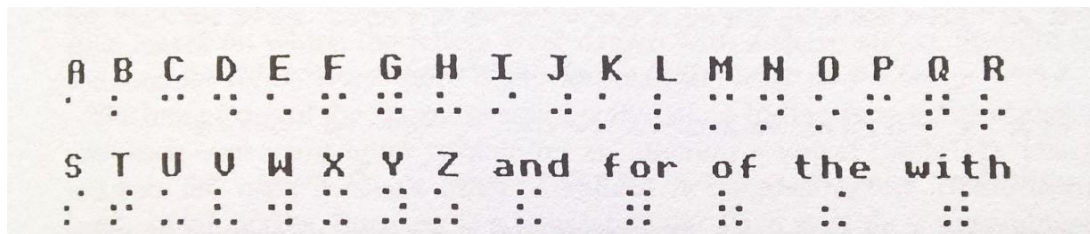


Fig. 4 - Correspondências entre o braille e o alfabeto latino. Os pontos pretos representam aqueles em relevo - Extraído de Coulmas (1999: 53)

Há ainda outro uso para a expressão *sistema de escrita*: “o sistema de regras que serve de base ao uso de grafemas de uma língua” (Coulmas, 1999: 560). Como nota Coulmas (1999: 560), sistema “aqui tem a ver com o modo como as letras do alfabeto são combinadas para representar fonemas, morfemas e palavras” de uma dada língua. Neste sentido, confunde-se com *ortografia*. Este será o uso mais frequente da expressão neste trabalho.

3.1.3. O grafema e a classificação dos sistemas de escrita

Chama-se aqui a atenção para o uso de *grafema* e *letra*. O *grafema* é a menor unidade linguística num sistema de escrita (Cook & Bassetti, 2005: 4). Todo sistema de escrita é formado por grafemas.

E as *letras*? Este termo aplica-se apenas a sistemas alfabéticos. Pode dizer respeito: (a) a diferentes formas que um alfabeto pode tomar, caso de maiúsculas, minúsculas, itálico (Cook & Bassetti, 2005: 12); (b) a um símbolo gráfico que representa um ou mais fonemas; neste sentido as palavras portuguesas *chave* e *carro*, têm, cada uma, cinco letras e quatro grafemas: em *chave*, <ch> conta como um grafema, assim como <rr> em *carro*.

A unidade linguística representada no grafema determina a tipologia dos sistemas de escrita: os sistemas que têm por base uma unidade da estrutura sonora da língua (fonográficos) e aqueles em que o grafema representa uma unidade significativa (logográficos).

Nos sistemas fonográficos o grafema pode representar o fonema ou a sílaba. As consoantes são os fonemas representados nos *sistemas consonantais*, caso do árabe e do

hebraico; as vogais e as consoantes são os fonemas representados nos *sistemas alfabéticos*, como o grego e o italiano. As sílabas são as unidades de *sistemas silábicos* como os silabários japoneses *hiragana* e *katakana*.

Em sistemas fonográficos é possível imaginar a pronúncia de uma palavra escrita sem saber seu significado — uma vez conhecidas as regras de conversão grafema-fonema. Uma pessoa que tem como língua nativa e primeiro sistema de escrita o português é capaz de ler palavras desse sistema como *berloque*, *preclaro* e *otorrinolaringologia* mesmo que não saiba o que significam. O mesmo não acontece com sistemas de escrita logográficos. Nestes, o grafema se conecta a uma unidade de significado — um morfema, uma palavra — o que até pode levar o leitor a ter alguma ideia do que ele significa, mas deverá aprender como pronunciá-lo (Cook & Bassetti, 2005: 5).

3.2. Escrita

A *escrita* (ing. *script*) é a forma gráfica das unidades de um sistema de escrita (Coulmas, 2005: 35). O árabe e o hebraico, apesar de serem sistemas consonantais, têm *escritas* diferentes; o grego e o português são alfabéticos, mas suas escritas também se distinguem.

3.3. Ortografia

A definição de ortografia aqui empregada é " *conjunto de regras estabelecido para que uma escrita possa ser usada em uma determinada língua*" (Cook & Bassetti, 2005: 3). O emprego de pontuação, acentos gráficos, regras de espaçamento e direção de leitura somam-se às correspondências entre grafemas e fonemas segundo princípios vigentes para a representação de cada língua. Essas divergências caracterizam as diversas ortografias.

A *Figura 5*, uma adaptação de Cook & Bassetti (2005), resume *sistema de escrita*, *escrita* e *ortografia*. A *Figura 5* dá exemplos de escritas e mostra conexões entre grafemas e as unidades linguísticas que representam.

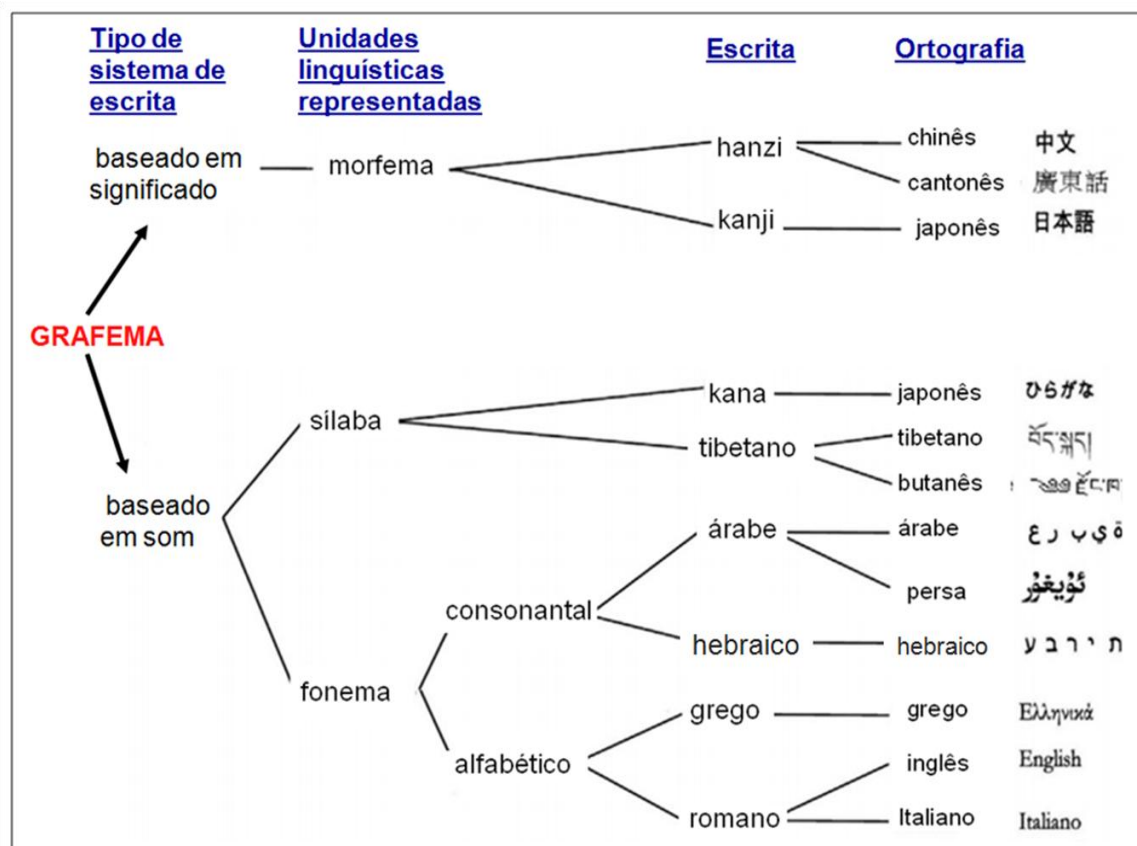


Fig. 5 - Semelhanças e diferenças entre escritas. Adaptado de Cook & Bassetti (2005: 5).

3.4. Regras de correspondência

Num sistema de escrita fonográfico, a decodificação de grafemas em fonemas constitui as *regras de correspondência*. As regras de correspondência podem ser focalizadas pela ótica do leitor — na relação grafema-fonema — ou pela ótica de quem escreve — na relação fonema-grafema. Tomando um exemplo do português, o grafema <x> representa /z/ em *exercício*; por sua vez, /z/ pode ser representado por <x>, por <z>, por <s>, como ilustrado em (2) a seguir.

(2)

GRAFEMA	FONEMA	EXEMPLO
<x>	/ʒ/	<i>xale</i>
	/z/	<i>exercício</i>

FONEMA	GRAFEMA	EXEMPLO
/z/	<z>	<i>zelo</i>
	<s>	<i>rosa</i>
	<x>	<i>exercício</i>

"Dentro do mesmo tipo de sistema de escrita e escrita, ortografias diferentes variam na regularidade das correspondências entre as formas fonológica e escrita, até mesmo para a mesma unidade linguística" (Cook & Bassetti, 2005: 7). Por exemplo, o francês e o português têm a mesma escrita alfabética de caracteres latinos, mas ortografias diferentes. Nesses dois sistemas de escrita, *tu* se refere à segunda pessoa do singular, mas as regras de correspondência grafema-fonema do português indicam que *tu* representa /tu/; já as regras do francês estabelecem /ty/. O mesmo acontece com *café*, que tem significado semelhante nos dois sistemas de escrita, mas no português *é* representa a vogal anterior média aberta e no francês, a anterior média fechada /e/.

O conceito de *sistema de escrita de primeira língua* (SEL1) aqui adotado foi extraído de Cook & Bassetti (2005: 27): é o sistema de escrita que representa a primeira língua do falante. A expressão *sistema de escrita de segunda língua* (SEL2) é empregada para um sistema de escrita que representa L2 (Cook & Bassetti, 2005: 27). Para uma criança falante nativa do português do Brasil aprendendo a escrever, por exemplo, o sistema de escrita do português é o SEL1. Se começa a aprender outras línguas com seus sistemas de escrita, como o francês, inglês, alemão, espanhol, cada um deles será um *sistema de escrita de segunda língua*. Ainda que o sistema de escrita do espanhol seja o quinto aprendido em ordem cronológica, ainda assim para ele será um SEL2.

Observe-se que se faz aqui a diferença entre *sistema de escrita de segunda língua* e *segundo sistema de escrita*. Este representa "qualquer sistema de escrita adicional para representar uma mesma língua" (Cook & Bassetti, 2005: 26), caso do japonês, por exemplo, que pode ser escrito em kanji (cujos caracteres são logográficos) ou por um de dois *kana* (*hiragana* e *katakana*, cujos caracteres, nos dois casos, são silábicos).

4. TRANSPARÊNCIA E OPACIDADE

As regras de correspondência entre grafemas e fonemas determinam o nível de transparência fonológica de um sistema de escrita. Se existisse uma ortografia 100% transparente, cada grafema representaria um fonema e cada fonema poderia ser representado por um único grafema; no entanto, nenhuma ortografia é plenamente transparente ou opaca. Por isso, considera-se a existência de um contínuo, em que numa das extremidades estariam os sistemas em que as regras de correspondência entre grafemas e fonemas são regulares e as correspondências são próximas a um para um — os sistemas de escrita *transparentes*; no outro extremo, estariam os sistemas de escrita fonologicamente *opacos*, cujas regras de correspondência grafema-fonema são irregulares.

Em geral, o italiano é o exemplo padrão de transparência: o nível de regularidade nas regras de correspondência grafema-fonema é tão alto que elas quase sempre são correspondências um a um (Cook & Bassetti, 2005: 7).

As *Figura 6* (Cossu, 1999: 13) ilustra as correspondências entre fonemas e grafemas do italiano.

fonema =>	grafema	fonema =>	grafema
a	a	λ	gl (+ i)
e	e	η	gn
i	i	—	h
o	o	l	l
u	u	m	m
b	b	n	n
k	c (+ a, o, u)	p	p
k	ch (+ i, e)	k	q (+ u)
ʃ	c (+ i, e)	r	r
d	d	s, z	s
f	f	ʃ	sc (+ i, e)
g	g (+ a, o, u)	t	t
ɖ	g (+ i, e)	v	v
g	gh (+ i, e)	ts, dz	z

Fig. 6- Correspondências entre fonemas e grafemas na ortografia italiana Extraído de Cossu (1999: 13)

A *Figura 6* acima exhibe correspondências entre grafemas e fonemas que, em geral, são biunívocas. Há exceções, como /k/, por exemplo. No quadro, entre os exemplos que evidenciam mais de uma possibilidade de correspondência fonema-grafema, uma parte é previsível pelo contexto, como notou Cossu (1999: 12-13):

Regardless of the context in which they occur, each of the five vowels has only one orthographic rendition in Italian. Consonants have only one graphemic rendition and vice versa, except for a few stop consonants and affricates (i.e. /k/ and /g/; /tʃ/ and /dʒ/). In these cases, the same grapheme followed by different vowels has different phonological renditions. For instance, the letters (g) + (a) are rendered as /ga/, but (g) + (i) as /dʒi/; in order to obtain the voiced velar /gi/, we need to insert the letter h (ghi). A similar pattern applies to the voiceless velar /k/ as well.

In a few cases, the orthographic rendition of the word is phonologically unpredictable: the voiceless velar /k/ followed by the vowel /u/ which appear in /kuadro/ (picture) are written as 'quadro', in /kuore/ (heart) as "cuore" and in /akua/ (water) as "acqua". Similarly unpredictable on rare occasions, is the spelling of the voiceless palatal /tʃ/, the voiced affricate /dʒ/ and the fricative /ʃ/ before the vowel /e/. The word /tʃeleste/ (light blue) and /tʃelo/ (sky), /dʒelo/ (frost) and /tʃiliedʒe/ (cherries) are rendered in orthography as 'celeste' and 'cielo', 'gelo' and 'ciliegie', respectively. In similar vein, /tʃero/(candle) and /tʃeco/(blind), /ʃena/ (scene) and /ʃentsa/(science) are rendered as 'cero' and 'ciero', 'scena' and 'scienza', respectively. Apart from these few exceptions, Italian orthography is rendered by a fairly biunivocal correspondence between phoneme and grapheme."

Por outro lado, o sistema de escrita do inglês é o exemplo padrão para opacidade: tem várias ligações não biunívocas entre sons e letras e por isso precisa de um conjunto complexo de regras de correspondência. O grafema <o> , por exemplo, corresponde a pelo menos 10 fonemas (Cook & Bassetti, 2005:7), como esquematizado na *Figura 7*.

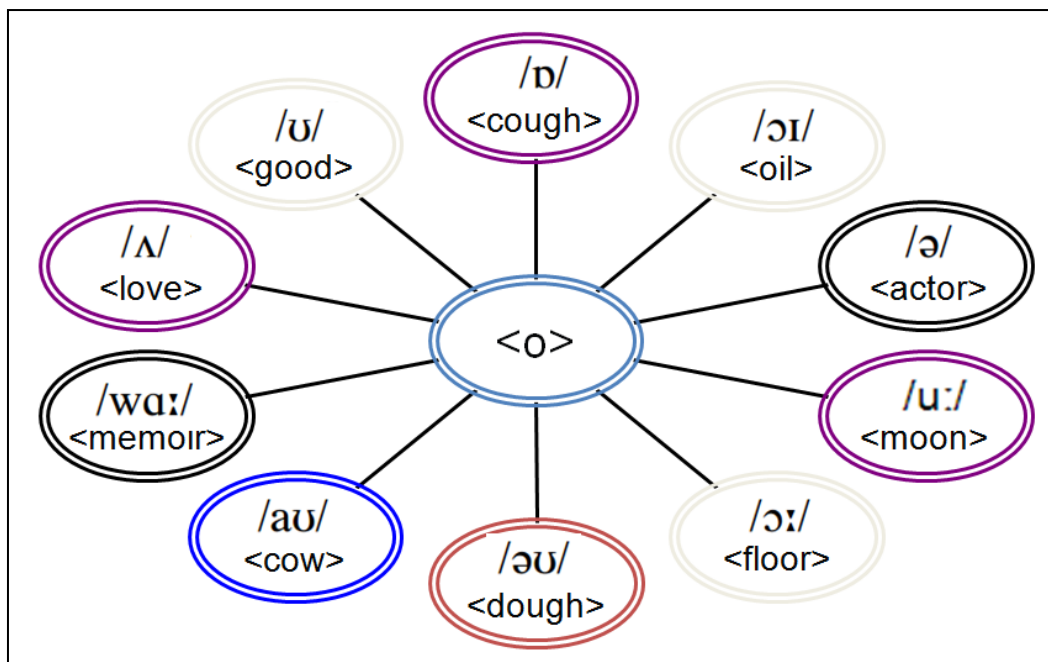


Fig. 7 - Fonemas correspondentes ao grafema <o> no sistema de escrita inglês.

Pesquisas recentes (como Bhide, 2015) vêm chamando a atenção para o efeito que a transparência/opacidade da primeira ortografia aprendida terá nas estratégias de leitura nos demais sistemas que venham a ser aprendidos. A ortografia do português é mais transparente que a do francês. Isso faria o aluno brasileiro, mesmo o não iniciante no FLE, empregar na leitura do francês mais a decodificação de cada grafema do que o recurso à morfologia?

5. SEL1: PORTUGUÊS

Segundo Lemle (1987), apenas 7 grafemas do português têm mapeamento único. São aqueles em (3) a seguir.

(3)

GRAFEMA	FONEMA
p	/p/
b	/b/
f	/f/
v	/v/
t	/t/
d	/d/
a	/a/

Essas correspondências biunívocas entre fonemas e grafemas caracterizam um dos três tipos de relações existentes entre fonemas e grafemas que Lemle (1987) aponta. Ainda, segundo a pesquisadora, os dois outros tipos dessas relações são: a) correspondências não biunívocas entre fonemas e grafemas, nas quais o grafema pode variar dependendo de sua posição na sílaba; b) relações de concorrência nas correspondências entre grafemas e fonemas, que diferem da anterior, pois são situações em que um mesmo fonema pode ser representado por dois ou mais grafemas na mesma posição da sílaba.

Com relação às possíveis correspondências não biunívocas entre fonemas e grafemas, observa-se uma previsibilidade que torna essas correspondências regulares. A correspondência pode ser prevista a partir da tonicidade da sílaba que o fonema ocupa, ou pelo contexto em que o grafema se encontra, melhor dizendo, pela influência das consoantes e das vogais que o cercam. Tomando os exemplos de Lemle (1987), a correspondência entre o fonema /i/ e os grafemas que podem representá-lo é determinada pela tonicidade da sílaba na qual está inserido: /i/ será representado por <i> em sílabas acentuadas (*vida, rio*) mas corresponderá a <e> em sílabas átonas no final de palavras (*vale, corre*). Situação semelhante ocorre com /u/, como em (4) a seguir.

(4)

FONEMA	GRAFEMA	POSIÇÃO	EXEMPLOS
/u/	<u>	Em sílaba tônica	<i>lua, tudo</i>
	<o>	Posição átona em final de palavra	<i>amigo, mato</i>

O alfabeto, como notam Alegria, Pignot & Morais (1982: 451), representa a cadeia da fala no nível do fonema. Um falante nativo terá a representação mental dessas unidades abstratas e, ao fazer leitura oral, produzirá com perfeição a realização sonora que essas unidades tem na sua variedade de língua. Um leitor fluente de português, ao ler palavras como *lata* e *bola*, *sal* e *sol*, terá o domínio de uma regra de correspondência que ligue <l> a /l/. Se for carioca, em leitura oral pronunciará os dois primeiros exemplos como [l], mas os dois últimos como [w]: <l> receberá a pronúncia [l] antes de uma vogal, mas representará [w] depois de uma vogal.

Situação semelhante acontece com <m> e <n>, presentes na tabela (5) e (6).

(5)

FONEMA	GRAFEMA	AMBIENTE	EXEMPLOS
/m/	m	ataque da sílaba	<i>mala, leme</i>
/n/	n		<i>nada, onívoro</i>

Tanto <m> como <n> (aqui relacionados ao arquifonema /N/) assinalarão a nasalidade da vogal precedente, distintiva em português:

(6)

FONEMA	GRAFEMA	AMBIENTE	EXEMPLOS
/N/	m	coda, antes de <p> ou 	<i>campo</i>
	n	coda, antes de consoante diferente de <p> ou 	<i>conta, tanto</i>

Na dependência da variedade de português desse leitor, na leitura oral ele poderá pronunciar com maior ou menor grau de nasalização vogais que antecedem <m> ou <n> em posição de ataque da sílaba seguinte: *Ipanema, Ana*.

Esses exemplos mostram que é possível encontrar regularidade nas correspondências entre grafemas e fonemas em português mesmo quando há possibilidade de mapeamento múltiplo entre eles. Sobre esses exemplos, Lemle (1987: 21) afirma que “*É possível ter claro na mente que tais correspondências são determinadas pela posição, ou seja, são regulares. É possível aprendê-las por meio de uma regra, de modo que podem ser sistematicamente ensinadas por um professor*”.

Como dito anteriormente, porém, nenhum sistema é 100% transparente. No português também há correspondências que não podem ser previstas e serão aprendidas uma a uma.

Estas são situações irregulares e caracterizam, para Lemle (1987:23), o terceiro tipo de relação entre grafemas e fonemas: dois grafemas podem representar o mesmo fonema no mesmo ambiente. Para o português, ainda com a referência do dialeto carioca, Lemle enumera alguns desses casos, na tabela (7).

(7)

FONEMA	GRAFEMA	EXEMPLOS
/s/	s, c ss, ç, sç, sc x, s	<i>persegue, percebe</i> <i>russo, ruço, passo, paço, assento, acento</i> <i>cresça, asceta,</i> <i>balsa, alça</i> <i>texto, testo</i>
/z/	s, z, x	<i>mesa, reza, exemplo</i>
/ʃ/	x, ch	<i>tacha, taxa</i>
/ʒ/	g, j	<i>jeito, gente</i>

São casos como estes que medem se uma ortografia é mais ou menos transparente. Quanto mais correspondências irregulares, imprevisíveis em uma ortografia, mais o sistema de escrita é considerado opaco. Como se pode ver pelos exemplos, na ortografia do português são poucas as irregularidades.

6. SEL2: FRANCÊS

Nas tabelas de vogais, semiconsoantes e consoantes a seguir, há exemplos de correspondências entre fonemas e grafemas no francês, há desde correspondências mais frequentes até as mais raras. Para a montagem das tabelas, foram consultadas as seguintes fontes: o dicionário *Le Petit Robert* (2011), os manuais de ortografia *Larousse Orthographe* (2009), *Bescherelle L'orthographe* (2012), *Orthographe Française* (2011) e a obra de Glanville Price (2005).

O dicionário e os manuais de ortografia usam os termos "som" e "grafia" para estabelecer correspondências. Assim, o "som" [ɛ̃] corresponde à "grafia" *in* no exemplo *fin*. No entanto, neste trabalho toma-se por base a descrição fonológica do francês, com base em Price (2005). Segundo o autor, a palavra "som" é imprecisa, porque um fonema não é pronunciado (Price, 2005:5). O linguista define o termo "fonema" e o distingue de "alofone":

The technical term for a distinctive or functional ‘sound’ is a **phoneme**, and the nondistinctive or non-functional varieties of each phoneme are known as **allophones**

(...)

The number of allophones in any given language probably runs into hundreds, even within the speech of one person. The number of phonemes, however, is comparatively small (Price, 2005: 8).

6.1. As vogais

O francês tem seis vogais na escrita (a, e, i, o, u, y) e dezesseis fonemas vocálicos: /i/, /e/, /ɛ/, /a/, /y/, /ø/, /œ/, /ə/, /u/, /o/, /ɔ/, /ɑ/, /ẽ/, /œ̃/, /õ/, /ã/. Esse fato já indica que se trata de um sistema de escrita pouco transparente fonologicamente.

(7)

FONEMA	GRAFEMA	EXEMPLOS
/a/	<a> <à> <e> <i>	ami, plat, patte à, là femme, solennel oiseau, foi, loi, soir
/ɑ/	<as> <â>	bas, pas pâte, hâte, tâche
/ɛ/	<e> <er> <es> <ai> <é> <a>	messieurs, pied chanter, jouer, pêcher, chantez, nez les, des, mes, tes, ces, ses essai été, pêcher payer, pays, paysage, paysan
/ɛ/	<e> <ê> <è> <ei> <ai> <et> <ey> <ay> <a> <aî> <e>	rester, restriction, excellence, paresse, mer, merci être, prêt, bête, près, père, mère, frère, fidèle peine, pleine, reine, madeleine épais, balai, chaire, parfait, faire poulet, poney tramway avant, paye chaîne cher, chef, avec, cette, sel
/i/	<i> <î> <y> <ï>	il, ici, île, îlot type, cycle, analyse maïs, haïr
/o/	<o> <o> <ô> <au> <eau>	bravo, sot rose, côte haut, autre, naufrage, jaune beau, oiseau, peau, cadeau
/ɔ/	<o> <au> <oi>	sol, poster, sotte, bosse, or, monotone, joli paul, automne, naufrage oignon
/y/	<u> <û> <eu>	tu, mur, utile, lune mûr eu, j'eusse
/ø/	<eu>	feu, peu, deux, jeu, bleu

	<eu> <oeu> <eû>	<i>chanteuse, vendeuse oeufs, boeufs, noeud jeûne</i>
/œ/	<eu> <eu> <ue> <oeu> <oe>	<i>peur, meuble, jeune, seul, chanteur fauteuil, feuille accueil, recueil oeuf, soeur, oeuvre, coeur, boeuf oeil</i>
/ə/	<e> <e> <e> <on> <ai>	<i>venir, petit, jeter, premier, depuis je, le, me, ne, se battre monsieur faisan, (je) faisais (nous) faisons</i>
/u/	<ou> <oû> <où>	<i>fou, jour, genou goût où</i>
/ã/	<an> <am> <en> <aon> <ean>	<i>banc, sans lamp entrer, vent, enlever temps, emporter faon, paon, taon jean</i>
/ɛ̃/	<in> <im> <ain> <aim> <ein> <yn> <ym> <en>	<i>magasin, fin, loin, moins, vin impossible sain, pain, bain faim, essaim, daim plein, peinture, dessein, atteindre syndicat, sympathie, synthèse thym chien, (il) vient, examen, moyen</i>
/ɔ̃/	<on> <om>	<i>union, monter, son, bon tomber, sombre</i>
/œ̃/	<un> <um> <eun>	<i>un, brun, lundi parfum (à) jeun</i>

Autores têm chamado atenção para um processo de neutralização de vogais médias em algumas regiões francófonas. Alain Rey (2011), por exemplo, nota a neutralização das vogais baixas /a/ e /ɑ/; das médias nasais /ɛ̃/ e /œ̃/ e das vogais médias /e/ e /ɛ/, /o/ e /ɔ/.

Em princípio, o francês oral, segundo a utilização ainda em vigor na região parisiense, distingue 16 vogais diferentes. Certas oposições tendem a

regredir, em particular, a diferença entre [a] e [ɑ], (*mal* [mal] e *mâle* [mal]), ainda viva sobretudo na região parisiense, a diferença entre [ẽ] e [œ] (*brin* [brẽ] e *brun* [brœ]) sensível, sobretudo, no sul da França. Em Paris, a oposição entre [e] e [ɛ] se mantém em sílaba final de palavra (*vallée*, [vale] e *valet* [valɛ]), mas tende a desaparecer em sílaba não final. Outros são sujeitos à variação segundo a região, incluindo em uma mesma pessoa em função da situação de comunicação. Por essas razões, apesar da diferença de transcrição, consideramos como homônimos palavras como *pâte* e *patte* ou ainda *pêcheur* e *pêcheur*.

(...)

Para vogais ditas em dois timbres (*é* fechado [e], *è* aberto [ɛ]; *eu* fechado [ø], *eu* aberto [œ], *o* fechado [o], *o* aberto [ɔ]), um grande número de franceses não faz mais a diferença, principalmente em sílaba não final de palavra. A tendência seria de ter uma vogal aberta em sílaba fechada (sílabas terminadas por uma consoante pronunciada), e uma vogal fechada em sílaba aberta (terminada pela vogal), segundo o modelo: *boucher* [buʃe], *bouchère* [buʃɛR]; *sot* [so], *sotte* [sɔt]

(Rey, 2011: 1592)

Apesar dessa tendência de neutralização de algumas vogais, essa questão é pouco importante para um estudante iniciante no francês como língua estrangeira. Há fonemas que, se confundidos, alteram o significado da palavra, e são essas situações que representam dificuldades para o iniciante. Price (2005) chama atenção para pares de palavras que se diferenciam apenas pela distinção das vogais médias.

/e/		/ɛ/	
<i>poignée</i>	/pwajne/	<i>poignet</i>	/pwajɛ/
<i>jouer</i>	/ʒwe/	<i>jouais, jouet</i>	/ʒwɛ/
<i>fée</i>	/fe/	<i>fait</i>	/fɛ/
<i>aller, allée</i>	/ale/	<i>allais, allait</i>	/alɛ/
<i>gai, gué</i>	/ge/	<i>guet</i>	/gɛ/

Fig.8. Pares de palavras que se distinguem por vogais médias anteriores (Price, 2005: 57)

/o:/		/ɔ/	
<i>côte</i>	/ko:t/	<i>cote</i>	/kɔt/
<i>paume</i>	/po:m/	<i>pomme</i>	/pɔm/
<i>heume</i>	/o:m/	<i>homme</i>	/ɔm/
<i>hausse</i>	/o:s/	<i>os</i>	/ɔs/
<i>saule</i>	/so:l/	<i>sole</i>	/sɔl/
<i>rauque</i>	/ro:k/	<i>roc</i>	/rɔk/

Fig.9. Pares de palavras que se distinguem por vogais médias posteriores (Price, 2005: 65)

O autor também faz um quadro de distinção entre as vogais baixas /a/ e /ɑ/, mas enfatiza que é uma questão conservadora considerar ambos fonemas diferentes. Segundo Price, não se faz mais a distinção entre esses dois fonemas na região parisiense, e muitos falantes usam apenas /a/ em todas as circunstâncias. Ainda, o linguista afirma que, se falantes de francês como língua materna não distinguem os fonemas, não há problema se um estudante de FLE também não fizer a distinção (Price, 2005:67).

Essa preocupação do autor em tomar a variedade do francês como padrão também é uma questão conservadora. Em geral, a pronúncia na qual se baseiam os métodos de ensino da língua francesa, os manuais e os dicionários é a variação parisiense do francês:

The kind of pronunciation described in this book is basically the kind that educated Parisians might normally use in everyday conversation. This is not in any absolute sense ‘better’ than any other kind of French pronunciation but as it is the basis of French as taught in schools, colleges and universities all over the world it would be perverse not to adopt it here too. However, where there seems good cause to do so, we shall draw attention to regional, social or stylistic differences in pronunciation (Price, 2005: 3-4)

6.2. O e caduc, e instable, ou e muet - /ə/

Há mais de uma forma para nomear o fonema vocálico /ə/. O dicionário *Le Petit Robert* o nomeia como *e caduc*, Reis (2000) chama /ə/ de *e instable*, Price (2005) o considera *e muet*. Tanto /ə/ quanto /ø/ e /œ/ são vogais médias arredondadas. A diferença entre os três fonemas é sutil, além disso, os três fazem parte do francês, mas não do português. Por esses motivos, entender a diferença entre essas três vogais e saber os contextos corretos em que

cada uma ocorre é uma grande dificuldade para um aluno brasileiro iniciante na aprendizagem do francês língua estrangeira.

O dicionário *Le Petit Robert* menciona a dificuldade em diferenciar as três vogais médias arredondadas: "O *e caduc*...tende a se confundir com *-eu-* [ø] ou [œ] e entende-se pouco a diferença entre *je dis* [ʒədi] e *jeudi* [ʒødi], *je ne vaux rien* [ʒənvørjɛ̃] e *jeune vaurien* [ʒœnvørjɛ̃]" (Rey, 2011: 1592). Price (2005: 76) estabelece uma diferença entre os três fonemas em questão. Para o linguista, há contextos em que o *e muet* é pronunciado e outros em que ele é omitido; diferentemente, não há contextos em que /ø/ e /œ/ sejam omitidos.

Ainda segundo Price, o principal problema em relação ao uso do /ə/ é saber quando ele é pronunciado e quando não é (Price, 2005: 77). O autor mostra exemplos dessa instabilidade como as pronúncias dadas aos grupos *une fenêtre* e *la fenêtre*. No primeiro exemplo, o <e> da primeira sílaba de *fenêtre* é pronunciado /yn fənɛtr/, mas no segundo exemplo isso não acontece /la fnɛtr/ (Price, 2005: 77)

Assim, ao aprender francês, o estudante encontra ao menos três dificuldades em palavras com *e muet* : saber diferenciar /ə/, /ø/ e /œ/, saber se o grafema <e> de uma palavra corresponde a /ə/ e, caso corresponda, em quais contextos o *e muet* é pronunciado e em quais não.

Reis lista três regras que podem ajudar o aluno de FLE a saber quando o *e instable* é pronunciado em uma palavra:

- 1) no início de palavra, o "e instable" nunca aparece;
- 2) no final de palavra isolada, o "e instable" aparece raramente no dialeto parisiense culto, mas é uma das características mais marcantes do dialeto do sul da França: 'responsable' [respõsabl]/[respõsablə] ;
- 3) no meio de palavra, muitas vezes não é fácil saber qual é a qualidade dessa vogal anterior média. A qualidade dessa vogal, aprende-se com a palavra...
(Reis, 2000: 40 - 41)

Depois que o estudante já sabe que uma palavra tem o *e muet*, o próximo passo é saber, dentro de grupos rítmicos, os contextos nos quais essa vogal é pronunciada. Price listou quatro regras que podem auxiliar o estudante de francês a entender contextos em que /ə/ é pronunciado ou não em grupos rítmicos.

Rule 1: at the end of a group, /ə/ is not pronounced in standard French (...) *sur l'arbre* /syr larbr/, *sous la table* /su la tabl/, *je vais le vendre* /ʒə vɛ l vɑ̃:dr/, *à la fin du siècle* /a la fɛ dy sjɛkl/ (...)

Rule 2: in the first syllable of a group, /ə/ is normally pronounced (...) *je sais* /ʒə sɛ/, *le beau livre* /lə bo li:vʁ/, *le voulez-vous?* /lə vule vu/, *me comprends-tu?* /mə kɔ̃prɑ̃ ty/, *ne dites pas ça* /nə dit pa sa/ (...)

Rule 3: within a group (i.e. when it is neither in the first syllable nor at the end), mute *e* is generally *not* pronounced if it is preceded by only one consonant (i.e. of course one pronounced consonant) (...) *mais j(e) veux l(e) faire* /mɛ ʒ vø l fɛ:r/, *ne m(e) comprends-tu pas?* /nə m kɔ̃prɑ̃ ty pa/, *tu vas t(e) faire mal* /ty va t fɛr mal/, *vous l(e) verrez* /vu l vɛrɛ/, *il va s(e) contenter d(e) ça* /il va s kɔ̃tɑ̃tɛ d sa/ (...)

Rule 4: within a group, mute *e* generally is pronounced if it is preceded by two or more pronounced consonants (...) *car je l(e) dirai* /kar ʒə l di:r/, *il me fait peur* /il mɛ fɛ pœ:r/, *il te verra* /il tɔ vɛra/, *pour le dire* /pur lɔ di:r/ (...)
(Price, 2005: 78-80)

As regras listadas, segundo o próprio autor, são muito simplificadas, por isso o mesmo aponta exceções a elas. No entanto, neste trabalho essas exceções não serão trabalhadas. Para um aprendiz na língua francesa, já é um avanço na aprendizagem da língua reconhecer a diferença entre /ə/, /ø/ e /œ/, principalmente se esses fonemas não fazem parte de sua primeira língua. Para saber se em uma palavra há *e muet*, é preciso que o estudante conheça a palavra previamente e estude os contextos em que a vogal é falada.

Devido à complexidade desse fonema, conforme afirma Reis, dominar as regras do *e muet* não é uma preocupação inicial na aprendizagem da língua francesa "Dominar as regras que controlam essa vogal camaleônica constitui-se talvez num dos últimos estágios na aprendizagem da pronúncia do francês. É provável que o estrangeiro com boa pronúncia do francês não domine completamente as regras que controlam o uso dessa vogal instável (Reis, 2000: 38).

6.3. As vogais nasais

Em geral, quando uma vogal vem antes de /m/ ou /n/, forma-se uma vogal nasal. Essa regra é evidenciada nos seguintes exemplos da tabela (7): <an>, <am>, <en> e podem corresponder a /ã/, como nas palavras, *banc*, *lamp*, *vent*, e *temps*; <in>, <im>, <ain> e <aim> podem corresponder a /ɛ̃/, como em *vin*, *impossible*, *pain* e *faim*. Com esses exemplos, nota-se

que, mesmo com fonemas nasais, é possível haver múltiplo mapeamento entre grafemas e fonemas. Há quatro vogais nasais e várias possibilidades de correspondência com grafema.

Para saber se /ã/, /ɛ̃/ e /ɔ̃/ devem corresponder a uma vogal mais <n> ou a uma vogal mais <m>, o estudante pode levar em conta a seguinte regra: "O *n* se transforma sempre em *m* diante de um *b*, um *m*, ou um *p*; *embarquer*, *immanquable*, *ombre*. Salvo em *bonbon*, *bonbonne*, *bonbonnière*..." (Kannas, 2012: 27).

No entanto, mesmo quando os manuais de ortografia de francês mostram regras de correspondências como essa, há exceções às regras, evidenciando características de um sistema de escrita fonologicamente opaco. Na tabela (7), há o exemplo de /ã/ correspondendo a <um> de *parfum*, mas nem sempre essa correspondência será a correta para <um> em final de palavra. A consoante <m> pode ser pronunciada em certos casos, como em *album* ∅ /albɔm/ e *forum* ∅ /fɔʁɔm/.

6.4. Os acentos agudo, grave e circunflexo no sistema de escrita francês

6.4.1. O acento agudo

O acento agudo é empregado sobre o grafema <e>, indicando que se corresponde a /e/. Kannas (2012) observa as seguintes regras para o uso desse acento:

Há sempre um acento agudo:

- no início de palavra diante de uma consoante simples (salvo *x*): *écrire*, *éteindre*;
- no interior de palavra, quando na sílaba seguinte não há *e muet*⁷ : *collégien*, *géant*;
- sobre um *e fermé*⁸ final ou seguido de um outro *e*: *allée*, *beauté*, *blé*, *habileté*;
- sobre o *e* do *participe passé* dos verbos em -er: *J'ai chanté*, *donné*, *mangé*;

Nunca há acento agudo:

- diante de um *x*: *examen*, *texto*;
- diante de uma consoante dupla: *effroi*, *ellipse*, *essai*, *terreur*;

⁷ Kannas chama /ə/ de *e muet*

⁸ Kannas se refere a /e/ como *e fermé*

-diante das letras mudas finais *d, f, r, z*: *pied, clef, chanter, nez* (Kannas, 2012:44)

Em geral, corresponde-se <é> a /e/, mas o dicionário *Larousse* (2012) observa exceções à regra: "Em certas palavras, <é> se pronuncia como /ɛ/, equivalendo ao som correspondente a <è>: *Je céderai, célere, crémérie*."; "Em muitas palavras, o grafema <e>, sem acento, se pronuncia /e/: *ressusciter, descendre, pied*. O mesmo acontece com palavras de origem latina: *in fine, nota bene, credo*" (Larousse, 2012: 1490)

6.4.2. O acento grave

O acento grave é utilizado sobre os grafemas <e>, <a> e <u>. Com relação às correspondências entre grafemas acentuados e fonemas, quando o acento está sobre <e>, corresponde-se à [ɛ], como em *mère* ɛ /mɛR/ e *près* ɛ /pRɛ/.

Segundo o dicionário *Larousse* (2012), "Um acento grave sobre o *a* e sobre o *u* não muda a pronúncia da vogal" (Larousse, 2012: 1490). Assim, o pronome demonstrativo *ça* e o advérbio de lugar *çà* correspondem igualmente a /sa/ (Le Petit Robert, 2011: 179). Já a conjunção de coordenação *ou* e o advérbio *où* correspondem, ambos, a /u/ (Larousse, 2012: 979). Esses exemplos mostram que o acento grave sobre <a> e <u> pode não ser significativo fonologicamente, mas permite a distinção de homônimos na escrita.

Kannas (2012) também indica regras que podem ajudar o aluno a saber os contextos nos quais são usados o acento grave:

"Há, sempre, um acento grave:

-Quando a sílaba começa por uma consoante seguida de um *e muet* : *discrètement, ère, mère*;

- diante de um *s* final (distinto do *s* utilizado para indicar plural): *accès, après, excès, procès*.

Nunca há acento grave:

- quando a consoante que se segue e que se pronuncia termina a sílaba: *chef, cher, mer, merveille*;

-diante de uma consoante dupla ou um grupo de consoantes: *belle, terre, tergiverser* " (Kannas, 2012: 44)

6.4.3. O acento circunflexo

O acento circunflexo é colocado sobre os grafemas <a>, <e>, <i>, <o> e <u>. Esse acento pode indicar uma vogal ou um <s> desaparecidos, mas que já fizeram parte da escrita da palavra, caso de *âge* (de *eage*) e de *hôpital* (de *hospital*) (Kannas, 2012: 46).

Sobre o <e>, esse acento pode indicar que o grafema corresponde a /ɛ/, como nos exemplos *fête* ≡ /fɛt/, *rêve* ≡ /ʁɛv/ e *revêtement* ≡ /ʁ(ə)vɛtmɑ̃/. Essa é a correspondência que comumente se aplica a <ê>, no entanto, há exceções. Por exemplo, *tête* corresponde a /tɛt/, mas *têtu* corresponde a /tɛty/ (Kannas, 2012: 46).

Na maioria das palavras em que <o> é acentuado com circunflexo, deve-se fazê-lo corresponder a /o/, como em *côte* ≡ /kot/, *icône* ≡ /ikon/ e *diplôme* ≡ /diplom/. No entanto, também para <o> encontra-se exceções, como em *côtelette* ≡ /kɔtlɛt/ (Kannas, 2012: 46).

Quando o acento está sobre <a>, o grafema deve corresponder a /ɑ/. As diferentes correspondências que podem ser atribuídas à <a> e <â> são evidentes na transcrição fonética que o dicionário *Le Petit Robert* (2011) dá para *tache* ≡ /taʃ/ e *tâche* ≡ /taʃ/, por exemplo. Esse mesmo dicionário afirma que a diferença entre /a/ e /ɑ/ tende a regredir (*Le Petit Robert*, 2011: 1592).

Também o *Bescherelle* (2012: 46) afirma que não se faz sempre a diferença entre *pâte* e *patte*, /pat/ e /pat/ respectivamente. Trata-se de uma tendência que também abrange <o> e <ô>, pois, atualmente, em palavras escritas com acento circunflexo, não se faz mais a diferença entre /o/ e /ɔ/, como em *hôpital* e *hôtel* (Kannas, 2012: 46).

O circunflexo não indica uma pronúncia particular quando está sobre <i> ou <u>, exemplos de *île*, *sûr* e *traître* (Kannas, 2012: 46). Há contextos nos quais o acento circunflexo não é notável fonologicamente, mas pode distinguir homônimos na escrita. Com esse acento, marcam-se diferentes significados nas seguintes palavras: *chasse* (caça) e *châsse* (relicário); *foret* (furadeira) e *forêt* (floresta); *cote* (cota) e *côte* (costa); *sur* (preposição - sobre, acima de) e *sûr* (adjetivo- certo, seguro); *mûr* (maturidade) e *mur* (muro); *pêcher* (pescar) e *pecar*.

Alem de distinguir homônimos, o circunflexo é essencial em algumas formas verbais, como aponta o manual de ortografia *Larousse* (2009):

"O acento circunflexo se encontra em certas formas verbais.

- Na terceira pessoa do singular do subjuntivo imperfeito, que se diferencia, assim, da terceira pessoa do singular do indicativo passado simples:

Qu'il fût innocent, je l'ai pensé un moment (subjuntivo imperfeito).

Il fut couronné empereur à Paris (passado simples)

(...)

-Nas primeiras e segundas pessoas do plural do indicativo passado simples:
Nous aimâmes, nous partîmes, nous courûmes;
vous aimâtes, vous partîtes, vous courûtes.

-Na terceira pessoa do singular do indicativo presente dos verbos em *-âître* e em *-ôître*:
Il croît, de croître (se opondo à *Il croit, de croire*)
Il apparaît, de paraître.

- Na terceira pessoa do singular do indicativo presente dos verbos *plaire, déplaire, complaire*:
Il déplaît, il plaît, il se complaît."
 (DUBOIS et al, 2009: 7)

6.5. As semiconsoantes

Na língua francesa há 3 semiconsoantes: /ɥ/, /w/ e /j/. No conjunto das vogais e das semiconsoantes, o único fonema que o dicionário e os manuais de ortografia consultados apontam ter correspondência biunívoca com grafema é a semiconsoante /ɥ/.

O dicionário *Le Petit Robert* faz as seguintes considerações sobre as semiconsoantes: " Quando as vogais mais fechadas do francês (*i, u, ou*) são seguidas de uma vogal pronunciada, para evitar o hiato (encontro de duas vogais sucessivas, ex.: *chaos*) são pronunciadas, geralmente, como consoantes (...) Os sons [ɥ] de *lui* e [w] de *jouet* só se encontram antes de uma vogal, mas o som [j] de *pied* pode se encontrar em outros casos" (2011: 1594). Tais casos, assim como exemplos de grafemas correspondentes a /ɥ/, /w/ e /j/ estão listados na tabela a seguir.

9)

FONEMA	GRAFEMA	EXEMPLOS
/j/	<i> <ille> <y> <il> <ill>	<i>ciel, pied, lieu, fiel, lion</i> <i>paille</i> <i>yaourt, yeux, myope</i> <i>soleil, travail</i> <i>maillot</i>
/w/	<ou> <o> <eo>	<i>nouer, jouer</i> <i>soigner, soif, soir, soixante,</i> <i>joindre, moins, oiseau, miroir</i> <i>asseoir</i>

/ɥ/	<u>	<i>lui, linguiste, aiguille</i>
-----	-----	---------------------------------

6.6. As consoantes

O francês tem vinte grafemas que podem corresponder aos dezoito fonemas consonantais seguintes: /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, /f/, /v/, /s/, /z/, /ʃ/, /ʒ/, /ʀ/, /l/, /m/, /n/, /ɲ/ e /ŋ/. Está incluso nesse número /ɲ/, usado para "transcrever as palavras em *-ing* que vêm do inglês" (Kannas, 2012: 20). O fonema /ŋ/ corresponde a <ng> no exemplo *camping*.

Essa quantidade de consoantes não é a mesma listada no *Larousse* (2009), que não inclui /ɲ/ na lista de consoante francesas, mas inclui /ks/ e /gz/.

Na tabela abaixo estão exemplos de grafemas que correspondem aos 17 fonemas: /b/, /d/, /f/, /g/, /k/, /l/, /m/, /n/, /p/, /ʀ/, /s/, /t/, /v/, /z/, /ʃ/, /ʒ/, /ɲ/.

(10)

FONEMA	GRAFEMA	EXEMPLOS
/p/	<p> <pp>	<i>pas, pou, pont, soupe apparent, applaudir, appliquer, approuver, supplément, supplice, supporter</i>
		<i>absolu, abscons, absence, absurde, obscur</i>
/b/	 <bb>	<i>bas, bon, bain, habit, robe abbé</i>
/t/	<t>	<i>terre, vite, tard, bateau, tout, ton, théâtre, thym, bibliothèque</i>
	<tt>	<i>chatte, pâlotte, sotte, vieillot, attaque, attendre, attitude, cadette, maigrelette</i>
/d/	<d>	<i>dos, radeau, dans, aide</i>
	<dd>	<i>caddie</i>

/k/	<c> <cc> <qu> <q> <ch>	<i>car, corp, cure, donc, coeur, clou, perfection, fonction, bac, bec, soc accomplir, accord, occasion, occuper, accueil quatre, que, qui coq orchestre, choeur, chrétien, chromatique, archaïque, chiromancie, chorale</i>
/g/	<g> <gg> <gu> <gh> <c>	<i>gare, gai, fagot, figure, gris, glisser, grand toboggan, aggraver guitare, guenon, naviguons, naviguant ghetto second, secondaire</i>
/f/	<f> <ff> <ph>	<i>fille, café, fin, forme, fragile, défendre affaire, affirmer, effacer, effectuer, effet, offense, offrir, différent, suffoquer, souffrir pharmacie, philosophie, phrase, photographie, phénomène</i>
/v/	<v> <w>	<i>avoir, vous, vent, vie, avocate, avis, devenir wagon</i>
/s/	<s> <s> <s> <ss> <c> <ç> <sc> <t> <x>	<i>sac, sens, source poster, scandale, scolaire valser brosse, poisson, cross cirage, cerise, foncé, cymbale, exercer glaçon, ça, reçu. glaçure scélérat, scier nation, démocratie, perfection coccyx, dix, six</i>
/z/	<z> <s>	<i>zodiaque, bazar, gaz, zéro, poison, base, rose, maison</i>
/ʃ/	<ch>	<i>chapeau, hacher, vache, chat, tâche, cheval, chirurgien, chose, chute</i>

	<sh> <sch>	<i>short, cash</i> <i>schéma</i>
/ʒ/	<j> <g>	<i>jeu, bijou</i> <i>genou, girafe, gymnastique</i>
/l/	<l> <ll>	<i>la, les, lit, loup, bal, lait</i> <i>allée</i>
/ʀ/	<r> <rh>	<i>riz, arrêt, finir</i> <i>rhume</i>
/m/	<m> <mm>	<i>mou, ami, album, auditorium,</i> <i>aluminium, forum</i> <i>homme</i>
/n/	<n> <nn>	<i>nid</i> <i>année, bonne</i>
/ɲ/	<gn>	<i>agneau, vigne, ligne,</i> <i>montagne, souligner</i>

As sequências /ks/ e /gz/, citados pelo manual de ortografia *Larousse* (2009: 5), podem corresponder a <x>. Em *examen*, *inexistant* e *exemple*, o grafema <x> corresponde a /gz/. Nas palavras *extraordinaire*, *fixer* e *extrait*, <x> corresponde a /ks/. Também é possível a correspondência entre <cc> e /ks/, como em *accepter* e *accident*.

6.7. Consoantes Duplas

No sistema de escrita francês, as consoantes , <c>, <d>, <f>, <g>, <l>, <m>, <n>, <p>, <r>, <s> e <t> podem aparecer dobradas nas palavras. No que diz respeito às correspondências entre essas consoantes duplas e fonemas, o dicionário *Le Petit Robert* (2011) afirma que elas "tendem a se pronunciar como uma só consoante" (*Le Petit Robert*, 2011: 1590). Exemplos disso estão nas palavras da seguinte tabela:

<bb>	<i>abbé, dribble</i>	/abe/, /dʁibl/
<cc>	<i>occulte, occuper</i>	/ɔkylt/, /ɔkype/
<dd>	<i>addition, adduction</i>	/adisjɔ̃/, /adyksjɔ̃/
<ff>	<i>effort, souffrir</i>	/efɔʀ/, /sufʁiʀ/
<gg>	<i>agglomérer, aggraver</i>	/aglomere/, /aggrave/
<ll>	<i>aller, intelligence</i>	/ale/, /ɛteliʒãs/

<mm>	<i>femme, commerce</i>	/fam/, /kɔmɛʁs/
<nn>	<i>fonctionnaire, année</i>	/fɔksjɔnɛʁ/, /ane/
<pp>	<i>opprimer, supposer</i>	/ɔpʁime/, /sypoze/
<rr>	<i>errer, arriver</i>	/ɛʁe/, /aʁive/
<ss>	<i>passage, impossible</i>	/pasɑʒ/, /ɛ̃pɔsibl/
<tt>	<i>lettre, attaque</i>	/lɛtʁ/, /atak/

Os exemplos e suas transcrições fonológicas foram tiradas do *Le Petit Robert* (2011). Esse mesmo dicionário sinaliza exceções à tendência de corresponder a consoante dupla como se fosse uma só: "Escuta-se, às vezes, a consoante dupla em certas palavras (*collègue, grammair*), sobretudo depois de um prefixo (*illégal*)." Para as palavras mencionadas, o dicionário transcreve /kɔ(l)lɛg/, /gʁa(m)mɛʁ/ e /i(l)lɛgal/.

Há, ainda, casos de correspondência de <cc> com /ks/ e <gg> com /gʒ/: "-cc- diante de *i, e, y* se pronunciam [ks]: *occident*"; "-gg- diante de *i, e, y* se pronunciam [gʒ]: *suggérer*" (*Le Petit Robert*, 2011:1590). Assim, *occident* corresponde a /ɔksidã/ e *suggérer* corresponde a /sygʒɛʁe/.

Além dessas exceções, a correspondência grafema-fonema do <ll> em palavras como *aller* e *intelligence*, presentes na tabela, não é a mesma correspondência que se faz em *aiguille, faillir, fille* e *lentille*. Estas são transcritas pelo *Petit Robert*(2011) como /egɥj/, /fajjɛʁ/, /fij/ e /lãtij/ respectivamente.

A fim de ajudar o estudante de língua francesa a entender os contextos nos quais aparecem as consoantes duplas, alguns manuais de ortografia de francês listam uma série de contextos e regras. O *Bescherelle*, por exemplo, afirma que "Somente algumas palavras (e suas famílias) se escrevem com <bb>. Essencialmente, palavras de origem estrangeira ou derivados de nomes próprios" (Kannas, 2012, 33). Essa regra pode se mostrar falha se um aluno não souber a procedência de palavras como *abbé, dribbler* e *lobby*.

Para <dd>, o *Bescherelle* afirma somente que "Escreve-se, para <dd>, as palavras seguintes: *addenda, addiction, addition, adduction, bouddha, haddock, paddock, pudding, reddition, yiddish* e seus derivados: *addictionner, bouddhisme*..." (Kannas, 2012:34). Sem regras para a escrita de <dd>, é evidente que o aluno deve decorar os casos nos quais essa consoante dupla aparece.

Para as outras consoantes duplas, o manual descreve regras eficazes, mas frequentemente mostra exceções às regras, como para <ff>:

"As palavras que começam por *-af, ef, of* se escrevem com *ff*:
affaire, affreux, effort, effrayer, effleurer, offense, offrir...
Salvo: *afin, africain*.

As palavras que começam por *bouf-, souf-, suf-* se escrevem com *ff*:
bouffi, bouffon, siffler, souffler, souffrir, suffire, suffoquer, suffrage...
Salvo *soufi, souffre* (e as palavras da família).

Escreve-se com um só *f* as palavras seguintes (e suas famílias), que são, frequentemente, ocasiões de erros.
agrafe, boursouffler, emmitouffler, érafler, esbroufe, gaufre, gifle, moufle, persifler, rafle

Nova ortografia. O conselho superior da língua francesa propõe de escrever com *ff* *boursouffler e persifler*, para harmonizá-los com *souffler e siffler*.
A utilização decidirá" (Kannas, 2012: 34)

O manual lista regras e contextos para todas as consoantes duplas, mas, para algumas consoantes, a única forma de acertar a escrita das palavras é consultar o dicionário, memorizar as palavras com consoantes duplas, ou aprender todas as regras e suas exceções.

6.8. *Liaison*

A *liaison* é um processo fonológico que afeta a fronteira entre duas palavras (Reis, 2000: 42). Esse processo ocorre quando, em um grupo de duas palavras, a primeira termina com consoantes e a segunda começa com vogal ou <h> mudo. Assim, a primeira palavra se liga à segunda formando um grupo fônico.

Dependendo do caso, a *liaison* pode ser obrigatória ou não. Entre um pronome e um verbo, ela é obrigatória, como em *ils arrivent* e *vous êtes*. Um exemplo de *liaison* facultativa é entre um verbo auxiliar (*être* ou *avoir*) e um particípio passado (*Le Grand Robert*, 1986 (t.IX): LXIV), como em *il est arrivé* .

Esse processo fonológico modifica o som das consoantes finais de algumas palavras, como explica o dicionário *Le Grand Robert* (1986):

Ce phénomène de la liaison entraîne alors la modification de quelques consonnes finales (*s* et *x* se prononcent [z] *d* se prononce [t]); il provoque aussi la dénasalisation de certaines voyelles nasales, en particulier après *bon* (ex.: *un bon ami* [œbɔnami] et la plupart des adjectifs en [ɛ̃] (ex.: *moyen âge* [mwajɛnaʒ], *plein air* [plɛnɛʁ])... (*Le Grand Robert*, 1986 (t.I): XLV)

Assim, a *liaison* é um processo fonológico complexo que estudantes de níveis mais avançados podem compreender e utilizar melhor do que um iniciante no estudo da língua francesa.

6.9. Grafemas sem correspondência fonológica

Não há correspondente fonológico para <h>. Ainda assim, quando esse grafema está no início das palavras, pode ser considerado *h muet* ou *h aspiré*. Com palavras começadas por *h aspiré*, não é possível fazer o processo fonológico *liaison*. É o caso de *héros*, *haricot*, *hasard*, *haut* e *honte*. Apesar de se chamar *aspiré*, não há aspiração para <h> no sistema de escrita francês atual. Ao contrário do *h aspiré*, com palavras começadas por *h muet* é possível a *liaison*. Exemplos dessas palavras são: *homme*, *heure*, *histoire*, *heureux*, *hôpital* e *hôtel*. Como não há fonema que corresponda ao *h muet* nem ao *h aspiré*, a única forma de identificá-los é no dicionário. Nele, palavras com *h aspiré* são sinalizadas com um asterisco.

O grafema <h> também pode aparecer no meio das palavras, como em *théâtre*, *rythme*, *inhérent*, *adhérer*. Em alguns casos, o <h> evita um hiato, como em *cahier* e *trahir*. Nesses exemplos não há fonema para <h>, mas quando ele está diante de <c>, o grafema <ch> corresponderá a /ʃ/: *acheter*, *chaud*, *chose*, *chemise*.

Além do <h>, pode haver também no meio da palavra outros grafemas sem representação fonológica, como <m> e <p>. Nas palavras *automne* e *condamner*, <m> não tem correspondente fonológico, mas tem em *amnistie* e *indemniser* (Kannas, 2012: 31). Situação parecida ocorre com <p>, sem fonema para *baptiser*, *compter*, *sculpter* e *sept*, mas correspondente à /p/ em *adopter*, e *capter* (Kannas, 2012: 31). Essa possibilidade de <m> e <p> terem correspondência fonológica em certas palavras, mas não em outras é um dos motivos para o sistema de escrita francês ser considerado fonologicamente opaco.

Também o grafema <ll> terá correspondência fonológica apenas em algumas palavras, como em *tranquille*, *ville*, *million* e *village*. No entanto, <ll> não será representado por nenhum fonema em *feuille*, *juillet*, *famille* e *meilleur* (Carvalho, 2012: 21). Com relação à <c>, o grafema corresponderá à /k/ em *contact*, *direct*, *tact* e *verdict*, já nas palavras *aspect*, *instinct*, *respect* e *suspect*, <c> não corresponde à nenhum fonema.

Desconsiderando contextos propícios à *liaison*, há, no final de algumas palavras do sistema de escrita francês, grafemas sem correspondência fonológica. Esse é o caso de <r>, <s>, <d>, <g>, <p>, <t>, <x> e <z>. Quando se trata de verbos infinitivos terminados em -er, <r> não é pronunciado, são exemplos *aimer*, *chanter* e *parler*. No entanto, o mesmo se liga a /R/ quando o verbo infinitivo se termina por -ir: *dormir*, *finir*, *sentir* (Carvalho, 2012: 23). O grafema <s> não é pronunciado no fim das palavras *cas*, *repas*, *nous*, *puis*, *avis*. No entanto,

<s> corresponde a /s/ em *mars, autobus, sens, ours* e *fil*s (Carvalho, 2012: 23). Geralmente, em final de palavra, os grafemas <d>, <g>, <p>, <t>, <x> e <z> não correspondem a nenhum fonema, como nos exemplos *pied, froid, long, sang, beaucoup, trop, art, parfait, deux, voix, assez, nez*.

Por fim, como dito anteriormente, na seção 6.2, há contextos em que /ə/ pode ser omitido e, portanto, o grafema <e> não é representado fonologicamente. É o que acontece com o grafema <e> em *le*, na frase *je vais le vendre* /ʒə vɛ l vɑ̃:dr/ (Price, 2005: 78). Outros exemplos são apontados na seção 6.2 deste trabalho.

O manual ortográfico *Bescherelle* explica a existência de alguns desses grafemas sem representação fonológica.

Ces lettres sont là parce que l'histoire de la prononciation et l'histoire de l'orthographe ne sont pas superposables ou bien parce que le mot est issu d'un nom propre ou d'une langue étrangère: **compt**er (avec le **p** du latin **computare**), dahlia (du nom de monsieur **Dahl**) **hom**me (avec le **h** du latin **homo**). Une lettre muette peut modifier la prononciation de la lettre qui précède. Ainsi le **e** se prononce [e] quand il est suivi de **d, r, t, z**: pied, chanter, inquiet, nez. D'une manière générale, ces lettres gardent **la trace de l'histoire du mot** (Kannas, 2012: 30)

7. DIFERENÇAS ENTRE O SISTEMA DE ESCRITA FRANCÊS E O PORTUGUÊS

O sistema de escrita francês é considerado opaco, ele é visivelmente menos transparente fonologicamente do que o português. A possibilidade de mapeamento múltiplo entre grafemas e fonemas é maior no francês do que no português. Lemle (1987) listou sete mapeamentos biunívocos no português, e nas tabelas deste trabalho apenas dois grafemas tem mapeamento único no francês, a semiconsoante /ɥ/ e a consoante /ɲ/. Para os fonemas /b/, /d/, /l/ e /n/ a correspondência com grafemas é quase biunívoca, no entanto eles podem corresponder a consoantes duplas que não existem no português. O quadro de consoantes duplas é maior no francês do que no português.

Também é maior seu quadro de fonemas vocálicos. Além da série anterior não-arredondada /i/, /e/, /ɛ/, /a/ e da série posterior arredondada /u/, /o/, /ɔ/, também presentes em português, no francês há ainda uma série de anteriores arredondadas /y/, /ø/, /œ/, a posterior não-arredondada /ɑ/, uma central média, /ɔ/, e as quatro vogais nasais, /ɛ̃/, /ã/, /õ/ e /œ̃/. Além das semiconsoantes /j/ e /w/, também encontradas em português, há ainda a labial-palatal /ɥ/. Para a representação desse quadro, a ortografia do francês emprega as cinco vogais do alfabeto latino com ou sem diacríticos e dígrafos vocálicos. Esse quadro maior de vogais gera um padrão de erro para os estudantes.

Além disso, a função dos acentos é diferente nos dois sistemas de escrita. No francês, o acento marca a qualidade da vogal; no português, marca a tonicidade, o que explica só haver um acento por palavra na escrita portuguesa, enquanto, na francesa, se pode utilizar mais de um acento. Na ortografia francesa há regras de acentuação que podem ser ensinadas a um estudante iniciante, mas são muitas e há exceções. Assim, mesmo quando são ensinadas, o aluno terá dificuldades inicialmente.

A possibilidade de grafemas sem correspondência fonológica no início, no meio e, principalmente, no final da palavra é frequente na ortografia francesa. Esses grafemas sem representação fonológica impõem aos alunos brasileiros iniciantes no aprendizado do sistema de escrita da língua francesa uma grande dificuldade. Apenas pela memorização de muitas das palavras que contêm esses grafemas o aluno poderá acertá-las na escrita. Esse é um dos

motivos para Cook & Bassetti (2005:9) afirmarem que o francês é mais transparente fonologicamente em relação à leitura do que em relação à escrita. Nesse sistema, as regras de correspondência fonema-grafema são mais irregulares do que as regras de correspondência grafema-fonema: "*French is more transparent in reading than in writing, because the rules relating letters to sounds are more reliable than those relating sounds to letters*" .

Por fim, o processo fonológico *liaison* representa mais uma dificuldade para o aluno iniciante no sistema de escrita francês, visto que ela possibilita duas palavras corresponderem a um só grupo rítmico. Assim, para perceber as fronteiras entre certas palavras, o aluno deve ter um bom conhecimento do léxico do francês. Além disso, a *liaison* põe em questão a diferença entre *h muet* e *h aspiré*, que não existe no português.

8. CONCLUSÃO

Para um aluno iniciante na aprendizagem da ortografia do francês, que tem como primeira língua e primeiro sistema de escrita o português, todas as diferenças apontadas entre a ortografia do português e a do francês trazem dificuldades. São elas no francês, se comparado à ortografia do português: maior número de possibilidades de mapeamento múltiplo entre grafemas e fonemas; maior número de fonemas vocálicos representados nas mesmas seis vogais do alfabeto latino; maior número de consoantes duplas; possibilidade de ocorrência de grafemas sem representação fonológica; função dos acentos e regras de acentuação diferentes do português. Em outras palavras, estamos diante de uma ortografia mais opaca que a do português.

Também há semelhanças entre os dois sistemas em questão. Ambos são fonográficos, pois neles os fonemas são as unidades linguísticas representadas pelos grafemas. Além disso, tanto a escrita do português quanto a do francês se fazem em caracteres latinos. Ambos os sistemas também são lidos da esquerda para a direita. Assim, o aluno em questão não aprenderá um sistema de escrita de tipologia diferente nem terá dificuldades na direção de leitura e escrita. Seus maiores desafios estão concentrados no fato de o segundo sistema de escrita ser menos transparente fonologicamente do que o primeiro. No tocante à leitura, as inúmeras ocorrências de grafemas que não correspondem a fonemas serão um problema para aquele que aprendeu a ler português, e que, ainda iniciante na leitura em francês, procurará aplicar regras de decodificação grafema-fonema de seu primeiro sistema de escrita. No caso da escrita, as múltiplas possibilidades de representar um fonema não são menor obstáculo. Pode-se prever, por conseguinte, dificuldades para a aprendizagem desse segundo sistema de escrita.

9. REFERÊNCIAS⁹

- ALEGRIA, Jesus; PIGNOT Elisabeth & MORAIS, Jose. 1982. Phonetic analysis of speech and memory codes in beginning readers. In: *Memory & Cognition*, 10 (5): 451-456
- BACCUS, Nathalie. 2011. *Orthographe française*. Paris: Libro
- BHIDE, Adeete. 2015. Early literacy experiences constrain L1 and L2 reading procedures. *Frontiers in Psychology*, 6, 1446.
- CARVALHO, Olívio de. 2012. *Gramática do Francês Fundamental*. Portugal: Porto.
- COOK, Vivian & Benedetta BASSETTI. 2005. An introduction to researching second language writing systems. In: COOK, Vivian & Benedetta BASSETTI (eds). 2005. *Second language writing systems*. Clevedon/Buffalo/ Toronto: Multilingual Matters Ltd. p. 1-67.
- COSSU, Giuseppe. 1999. The acquisition of Italian orthography. In M. Harris & G. Hatano (eds.), *Learning to read and write. A cross-linguistic perspective*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 10-33.
- COULMAS, Florian. 1999. *The Blackwell Encyclopedia of Writing Systems*. Oxford: Blackwell.
- COULMAS, Florian. 2003. *Writing systems: An introduction to their linguistic analysis*. Cambridge, U.K.: Cambridge University Press.
- DOMINGOS, Stelamary. 2013. Aprendendo um sistema de escrita de segunda língua. In *Saberes linguísticos n'Amazônia*, 1(4): 40-48.
Disponível em:
https://www.academia.edu/9330993/APRENDENDO_UM_SISTEMA_DE_ESCRITA_DE_SEGUNDA_L%C3%8DNGUA
<http://docplayer.com.br/1460290-Saberes-linguisticos-n-amazonia.html>
- DUBOIS, Jean; DUBOIS-CHARLIER, Françoise; KANNAS, Claude. 2009. *Larousse Orthographe*. Paris: Larousse
- GASS, Susan M. & SELINKER, Larry. 2008. *Second language acquisition*. 3rd ed. New York; London: Routledge.
- KANNAS, Claude. 2012. *Bescherelle L'orthographe pour tous*. Paris. Hatier.
- LEMLE, Miriam. 1987. *Guia teórico do alfabetizador*. São Paulo: Ática.
- LEWIS, M. Paul, Gary F. SIMONS, and Charles D. FENNIG (eds.). 2015. *Ethnologue: Languages of the World, Eighteenth edition*. Dallas, Texas: SIL International.

⁹ Os links foram acessados em 18 de janeiro de 2016.

Online: <http://www.ethnologue.com>

MANDEL, Ladislav. 2006. *Escritas, Espelhos dos homens e das sociedades*. Trad. Constância Egrejas. São Paulo: Rosari.

MONTELLATO, Andrea. 2000. *História temática: tempos e culturas*. São Paulo: Scipione. p. 119.

MORAIS, José. 2013. *Criar leitores: para professores e educadores*. Barueri: Manole.

RICHARDS, Jack C. 2015. The Changing Face of Language Learning: Learning Beyond the Classroom. *RELC Journal*, 46 (1): 5-22. April 2015.

PATTAMADILOK, Chotiga; MORAIS, José; DE VYLDER, Olivia; VENTURA, Paulo & KOLINSKY, Régine. 2009. The orthographic consistency effect in the recognition of French spoken words: An early developmental shift from sublexical to lexical orthographic activation. *Applied Psycholinguistics*, 30: 441–462

PRICE, Glanville. 2005. *An Introduction to French Pronunciation*. Oxford: Blackwell

REIS, César. Notas para uma pronúncia do francês. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, [S.l.], v. 5, p. 31-49, out. 2011. ISSN 2238-3824.

Disponível em:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/291>.

REY, Alain (dir). 1986. *Le Grand Robert*. Paris. Le Robert. t. I - IX

REY, Alain (dir). 2011. *Le Petit Robert micro*. Paris. Le Robert.

ROSA, Maria Carlota. 2015. *Pera saberem pronunciar o que acharem escrito: ler quimbundo, língua estrangeira, no século XVII*. Tese para Professor Titular. UFRJ: Rio de Janeiro, 2015. Mimeo.

WIKIPEDIA CONTRIBUTORS, "Foreign language," *Wikipedia, The Free Encyclopedia*, https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Foreign_language&oldid=674681643.